

CLIPPING IMPRESSO

10/11/2019



INDICE

1. ASSESSORIA	
1.1. JORNAL PEQUENO.....	1
2. DESEMBARGADOR	
2.1. JORNAL PEQUENO.....	2 - 3



Justiça & Cidadania

Antonio Carlos

acarloslua@folha.com.br

João Cabral de Melo Neto e o emblema da miséria nordestina

João Cabral de Melo Neto – poeta e escritor que viveu em luta contra as próprias emoções – tentou domar, secar, objetivar os sentimentos com a faca das palavras, com uma poesia contida, dura, sobrecarregada de dúvidas, hesitações e tensões. Com a alma cheia de conflitos, João Cabral de Melo Neto sempre foi um poeta impessoal. Sem poemas autobiográficos, ele deixou – em certo momento da sua vida – de ler poemas porque não suportava mais a emoção dos versos.

Lutou muito para se conter, para se esconder, para não se confessar, para não falar de si, mas – contra sua vontade – deixou sempre muita coisa escapar. Esse aspecto de luta, de conflito extremo, é a origem da força da poesia de João Cabral de Melo Neto. Embora tenha escrito um poema em que cita Clarice Lispector como alguém que gostava de falar na morte, ele também tratava da questão em muitos de seus poemas, mostrando pontos em comum com a escritora, embora os dois, aparentemente, se mostrassem muito diferentes, antípodas.

Na verdade, João Cabral de Melo e Clarice Lispector se encontram na mesma paixão pela palavra. Para Clarice, a literatura era uma espécie de religião sem Deus. Para Cabral, era uma carpintaria, uma engenharia. Para ambos, a poesia foi a coisa mais importante de suas vidas. Essa entrega absoluta à literatura conduziu aos grandes livros que os dois escreveram.

João Cabral de Melo Neto falava dos males – severidade, repressão íntima, fobias – que ficaram de sua educação com os irmãos maristas. Declarava-se ateu – embora ressaltando que acreditava no inferno. Melhor pensar que, na verdade, ele temia o inferno, isto é, o castigo. A melancolia ficou encoberta durante quase toda a vida de João Cabral de Melo Neto, que, indiscutivelmente, foi um dos maiores poetas brasileiro do Século XX. Em tempos de retirantes globais, podemos citar “Morte e Vida Severina” como sua obra mais marcante e significativa para a literatura brasileira.

Não há como fazer uma leitura de “Morte e Vida Severina” sem ter em mente o contexto social e econômico da época em que a obra foi escrita (1954/1955). No Nordeste da década de 1950, a morte era uma força precoce e devastadora.

Calor, seca, desnutrição, pobreza, concentração fundiária, coronelismo – este é o mundo árido e brutal onde o personagem Severino empreende sua epopeia trágica enunciada conforme a tradição medieval pelo escritor, que concebeu versos preferencialmente heptassílabos (redondilha maior), variando vocábulos regionais com outros de registro erudito. João Cabral de Melo Neto nasceu em Recife (Pernambuco) e passou sua infância nos engenhos de açúcar de propriedade de sua família. Neste ambiente arraigado na tradição fundiária e econômica do Nordeste, costumava ler cordéis para os empregados, impregnando-se de referências próprias do ambiente regional. A geografia, os traços regionais e as condições sociais dos anos 1950 foram decisivas para a constituição da poesia de João Cabral de Melo Neto.

João Cabral era diplomata. Trabalhando, em Londres, em 1959, durante o governo de Getúlio Vargas, surgiu uma denúncia de que ele e os outros quatro colegas estavam implantando uma célula comunista no Itamaraty, época em que o Partido Comunista do Brasil estava na ilegalidade. Um despacho presidencial

de março de 1953 afastou ele e os outros companheiros de trabalho do serviço diplomático. João Cabral retornou para Recife, a fim de trabalhar no escritório do pai e garantir o sustento da família. Ele retomou a carreira diplomática em 1954, depois de recorrer ao Supremo Tribunal Federal.

Nesse intervalo de tempo, encontrou Maria Clara, que era filha de Aníbal Machado, seu amigo. Ela pediu que o poeta escrevesse um auto de Natal para encenar com o seu grupo. Assim surgiu ‘Morte e Vida Severina’. Maria Clara, porém, leu o texto e o devolveu, alegando que não teria como montá-lo. Na época, o editor José Olympio queria lançar a primeira coletânea do poeta. Como “Morte e Vida Severina” era extensa, o autor retirou as marcações próprias da montagem teatral e o poema integrou o livro ‘Duas águas’, lançado em 1956, sendo muito bem acolhido pelos escritores, intelectuais alinhados ao pensamento de esquerda.

O também poeta e diplomata Vinícius de Moraes ficou maravilhado com a história de Severino. A princípio, João Cabral ficou contrariado, pois sua pretensão era alcançar com sua poesia os analfabetos que ouviam cordel na feira de Santo Amaro, em Recife – o que não deixava de ser um tanto ingênuo, tendo em vista a elaboração formal do poema. Dez anos depois da estreia editorial, o texto ganhou mais projeção com a montagem teatral dirigida por Silnei Siqueira. Era 1966, quando João Cabral de Melo Neto recebeu a carta do jovem diretor solicitando autorização para montar um espetáculo em que ‘Morte e Vida Severina’ seria musicado por outro estreatante, o compositor e cantor Chico Buarque de Holanda.

No livro ‘A literatura como turismo’ (Companhia das Letras), a cineasta Inez Cabral, filha do poeta, diz que ele ficou preocupadíssimo ao saber que sua poesia ganharia música. Porém, nunca se sentiu no direito de cercear qualquer criação nascida de seu trabalho.

Em 2007, na apresentação que fez da edição de ‘Morte e Vida Severina’, lançada pela Editora Alfaguara, o escritor, dramaturgo, letrista e poeta paraibano, Bráulio Tavares, aponta que, para Gilberto Freyre, havia pelo menos dois nordestes: o agrário e o pastoril; o litorâneo da cana-de-açúcar e o sertanejo das fazendas de gado. Estabelecendo uma lógica paralela, Bráulio Tavares propôs que, a partir da poesia de João Cabral, também se pode identificar dois nordestes: “o seco e o úmido; o da pedra e o da lama; o que é mumificado vivo pelo sol e o que é apodrecido pelo mar”.

‘Morte e Vida Severina’ descreve a caminhada do retirante Severino que percorre a linha do rio até Recife, o mangue e o mar, a fim de escapar da seca. Na primeira obra, a voz que emana do texto é do poeta. Na segunda, do próprio rio, que trata de si mesmo em primeira pessoa. São diversos personagens espalhados ao longo do leito que se enunciam. O título do poema já lança uma senha para se entender o universo descrito, ao inverter o sintagma vida e morte – a morte precede a vida – e ao adjetivar o substantivo próprio Severino. A esposa de João Cabral de Melo Neto, Stella Maria Barbosa de Oliveira, morreu em 1986. Depois disso, ele se casou com a poeta Marly de Oliveira. Durante toda a sua vida sofreu com intermitentes dores de cabeça, tanto que a aspirina era um traço distintivo em sua vida e mote para alguns textos. Ao final da vida, estava cego e deprimido. Avesso à religiosidade – mesmo que este universo seja latente em sua obra mais conhecida, que já ganhou mais de 100 edições – conta-se que, quando morreu, em 1999, estava de mãos com Marly, orando.



DIÁLOGO COM UM “ANALISTA URBANO”

Não lembro exatamente quando. Recordo, todavia, que, tendo estado em Fortaleza num desses feriados longos, vi coincidir a minha ida com a publicação de estatísticas que davam conta dos índices de criminalidade naquela capital.

Hospedado na Avenida Beira Mar, saí, num final de tarde, com a minha mulher, para caminhar no calçadão, como, aliás, costumam fazer os turistas que visitam aquela cidade.

Pois bem. Ao sair do hotel, uma senhora, muito simpática, se aproximou e nos aconselhou a deixar as bolsas e os relógios no hotel, advertindo-nos dos índices de violência e do perigo de andar pelas ruas de posse de bens materiais.

Despojados de bolsas, celulares, cordões, bijuterias e outras coisas mais, saímos pelo calçadão. Confesso, todavia, que, apavorado, olhava para todos os lados, sempre com a sensação de que a qualquer momento poderia ser vítima de um assalto.

Curioso, fiquei observando o comportamento das pessoas. Vi várias comprando presentes na tradicional “Feirinha”; outras comprando sorvete, exibindo a carteira porta cédulas, celulares, vivendo naturalmente, como se estivessem numa cidade de primeiro mundo.

Pensei comigo: tem algum exagero nessa história.

Pensei, ademais: vejo todo mundo vivendo como se tudo estivesse na mais perfeita ordem (Caetano Veloso).

Pensei em seguida: tem alguma coisa errada.

A verdade é que o quadro não parecia tão feio como pintaram. Entrementes, encafifado com a advertência, achei melhor procurar um lugar mais seguro. Peguei um táxi e fui ao shopping, na certeza de estar, se não mais seguro, pelo menos mais confortável psicologicamente.

Entrei no táxi e puxei conversa

com o motorista (analista urbano, segundo Roberto Carlos), cearense de Sobral, morando em Fortaleza há vinte anos, dos quais quinze dedicados ao serviço de táxi.

E, como quem não quer nada, fui puxando conversa.

Percebi logo que o “coleguinha” era do tipo falante, daqueles de quem se colhe uma informação com facilidade.

Comecei falando de futebol e, depois, de política.

No futebol fomos bem. Sem revolta, só alguma frustração. Inobstante, quando passamos a falar de política...

Bem, imaginem o que ele disse dos nossos representantes.

Mas eu não queria falar de política; nem de futebol.

Queria mesmo era saber da violência.

De mansinho, cheguei aonde queria.

Travei com ele o seguinte diálogo:

-E aí, amigo? Li as últimas estatísticas dando conta de que Fortaleza é uma das capitais mais violentas do mundo. O que o amigo acha dessa informação?

Ele, sem titubeio, respondeu:

- Tudo mentira. Essas estatísticas não condizem com a realidade. Aqui não tem violência coisa nenhuma. A violência daqui é a que tem em todo lugar, arrematou.

Percebi que ele não gostou. Ficou exaltado com a minha indagação.

Pensei: meu Deus! Esse assunto não é do agrado do companheiro. Fiquei preocupado e silencieei.

Depois de uma pausa, perguntou de onde eu vinha.

Respondi que era de São Luís do Maranhão.

Ele, galhofeiro, disse:

- Terra de Sarney, hein?

Como eu já esperava pela menção, respondi que sim, lembrando, no mesmo passo, outros maranhenses ilustres: Josué Monteles, Gonçalves Dias, Humberto de Campos, Aluisio de Azevedo, Agostinho Marques, Benedito Buzar, Ferreira Gullar, Joãzinho Trinta, Lourival Serejo, Milson Coutinho, Nauro Machado, Viriato Correa, Turibio Santos e Zeca Baleiro, dentre outros.

Daí em diante ele passou a falar de política, como se pretendesse fugir do tema violência.

Disse o diabo de todos. Do Ceará não escapou ninguém.

Diante de mais essa reação, dei um refresco, falei mal de alguns políticos e elogiei outros.

Fiz ver a ele que há, sim, pessoas de bem no mundo da política; nomeiei algumas a guisa de exemplo.

Dei um tempo, o shopping se aproximando, e voltei ao tema que me preocupava: violência.

– Sim, amigo, e a violência? Fortaleza é ou não uma cidade violenta?

Ele me olhou com a cara de quem não gostou da minha insistência, e disparou:

– O senhor quer saber de uma cosia? Essa violência que falam tem uma explicação. É que nessas estatísticas fajutas, prosseguir, entram as mortes de marginais. E a morte de bandido não conta.

Foi adiante na estranha avaliação: – O camarada está praticando um assalto ou acaba de praticar, a polícia chega e ele afronta a polícia... tem de morrer. Agora, levar isso em conta para dizer que Fortaleza é violenta, aí, meu amigo, já é demais.

Prossigui, sem enleio:

– O senhor pode observar: são poucas as pessoas de bem nessa história. Só morre bandido. E bandido, repito, não conta. Bandido é feito pra morrer mesmo.

Retruquei, mas o fiz temendo a

reação dele:

– Sem julgamento? Na marra mesmo? Sem direito à defesa? Ele me deu uma olhada de esquelha, e disparou:

– Defesa pra bandido, doutor? E quem é que vai esperar julgamento, doutor? Doutor, esses caras vão presos hoje e amanhã estão de volta à rua. Tem é que matar mesmo. E não tem nada que contar essas mortes para efeito de estatísticas. Estatística é pra gente de bem. Bandido não conta, doutor, concluiu, elevando a voz.

– Esses caros, doutor, ou morreram em confronto com a polícia, ou são eles mesmos se matando por causa de droga. E tudo isso é coisa de periferia. Tem é que morrer mesmo, insistiu.

– São um bando de marginal que só faz mal à sociedade. Tirando esses bandidos das estatísticas, o senhor pode crer que aqui não tem violência, concluiu.

Estupefato, calei.

Pensei, mais uma vez: Deus meu, como chegamos a esse estágio? Em que mundo estamos vivendo?! O ser humano não vale mais nada mesmo!

Segundo o nosso “analista urbano”, pessoas da periferia, os pobres, os ditos bandidos, esses devem mesmo morrer, e não servem nem mesmo para fins de estatística; não têm direito a um julgamento justo.

Para ele pouco importam as razões pelas quais essas pessoas chegaram a essa situação, as oportunidades que não tiveram, as injustiças sociais que as podem ter vitimizado, as dificuldades impostas por essas mesmas injustiças sociais.

Como o nosso “analista urbano”, infelizmente, muitos pensam.

É isso.